

Agronegócios Renda dos principais produtos deve subir 16,2% este ano

Setor prevê para o país um futuro de 'potência'

Fernando Lopes
De São Paulo

Em 2020, quando o Leste Europeu e a África estiverem começando a ganhar terreno no cenário agrícola global para complementar a oferta de alimentos e ajudar a atender à crescente demanda puxada por países emergentes como China e Índia, o Brasil será uma das principais potências desse mercado, com um poder de influência certamente maior que o atual — que, diga-se de passagem, está bem longe de ser desprezível.

Terão se passado quase duas décadas de bons preços para as agrocommodities em geral, do milho à borracha, da soja às carnes. O “ativo” alimentos terá posição de destaque na carteira dos investidores. As bolsas de produtos primários serão mais movimentadas. O fluxo comercial, em contrapartida, estará mais truncado. A auto-suficiência alimentar será uma preocupação, sobretudo nos países ricos, e as barreiras socioambientais, legítimas ou não, tirarão o sono dos exportadores. Os biocombustíveis serão uma realidade ainda contestada, mas amplamente utilizada.

À luz das acaloradas discussões atuais em torno da inflação mundial dos alimentos e da disputa entre pratos e tanques por produtos agrícolas, esse é um cenário de longo prazo perfeitamente possível — provável até — para o agronegócio mundial e para o que se espera do Brasil a partir do rearranjo de forças econômicas em curso. Mesmo com eventuais restrições comerciais, dizem especialistas, é de se esperar que a “soberania da

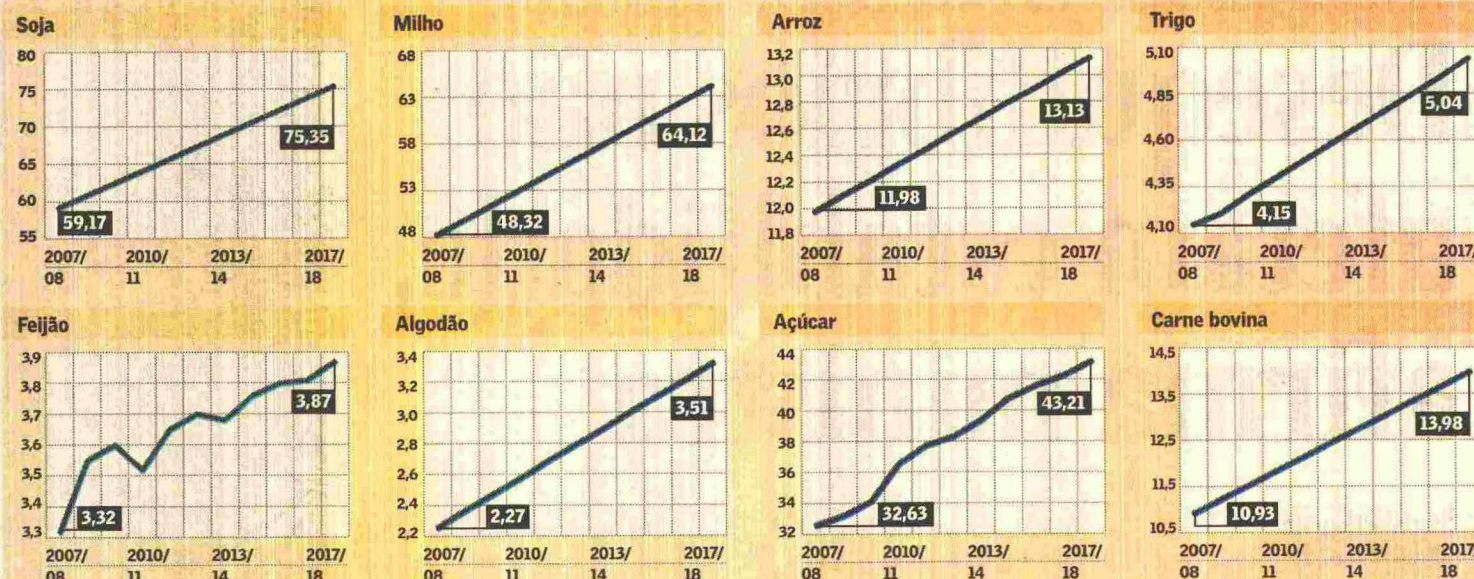
competitividade” prevaleça e que o peso do país em grãos, etanol e carnes aumente ainda mais.

Para que o rumo imaginado por executivos, dirigentes e analistas do setor no país se confirme, contudo, é preciso algumas definições e cuidados, principalmente nos dois próximos anos. Nesse horizonte mais próximo, é quase consenso que as commodities que são transformadas em alimentos e combustíveis permanecerão nos níveis estratosféricos atuais, ainda que com muita volatilidade. Depois disso aumenta a possibilidade de que algum alívio aconteça em virtude do estímulo que os preços elevados oferecem para o aumento da produção. Nada capaz de devolver os mercados às médias históricas de cotações observadas até outubro de 2006, quando a disparada começou, mas suficiente para reduzir margens em um ambiente de custos de produção elevados, que poderão subir mais.

“Se os países desenvolvidos e as organizações internacionais não prejudicarem a imagem do Brasil no exterior em questões ligadas à sustentabilidade da produção, o país tem tudo para se consolidar como potência agrícola na próxima década”, diz o economista Fábio Silveira, da RC Consultores. Segundo ele, os preços tendem a ficar mais equilibrados nos próximos anos e permitirão um incremento contínuo da receita agrícola “da porteira para dentro” das lavouras, mas, com a pressão da alta dos insumos, será necessário escalar — o que sugere maior concentração em um número menor de atores nos diversos segmentos — e con-

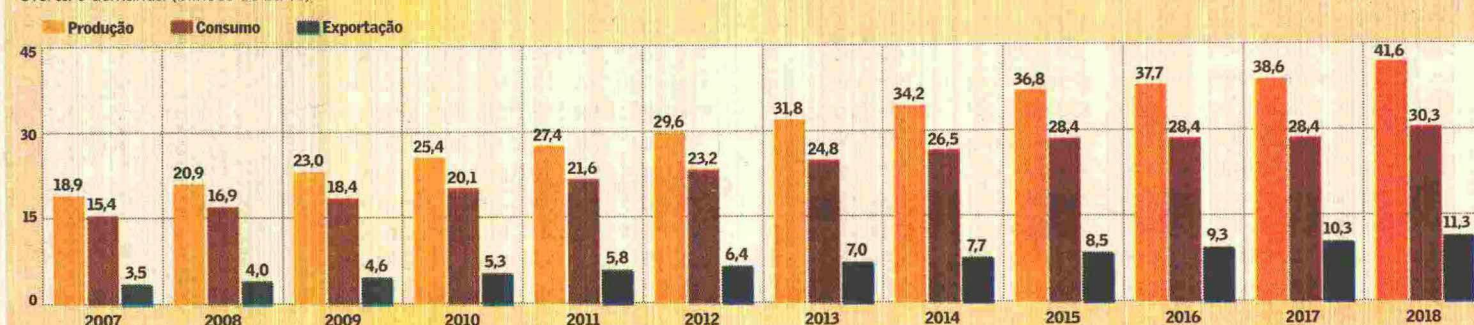
Campo fértil

Projeções da evolução da produção brasileira (milhões de toneladas)



Avanço do etanol

Oferta e demanda (bilhões de litros)



Fonte: Ministério da Agricultura

trole de custos para avançar.

Segundo cálculos de José Garcia Gasques, coordenador de planejamento estratégico do Ministério da Agricultura, feitos antes de o país ser declarado “investment grade”, a receita dos 20 principais produtos agrícolas do país alcançará R\$ 146,7 bilhões em 2008, um recorde histórico 16,2% superior ao resultado de 2007 e quase 9% maior que a maior marca registrada até agora, em 2003. O destaque é a soja, cuja renda agrícola está estimada em R\$ 42,2 bilhões este ano.

Tal receita leva em consideração uma colheita também recorde de 140,8 milhões de toneladas de grãos nesta safra 2007/08, 6,8% superior a do ciclo anterior, fruto de uma área plantada de 46,7 milhões de hectares, 1,1% mais ampla que em 2007/08, de acordo com dados apurados por Conab e IBGE. Vale notar que a área prevista guarda duplicidades, já que boa parte da produção de inverno é cultivada em terras que no verão abrigam outras culturas. Só o milho safrinha, por exemplo, tende a ocupar 4,9 milhões de hectares este ano.

Segundo Alexandre Mendonça de Barros, do braço agrícola da consultoria MB Associados e do Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o primeiro passo para que o Brasil pavimente o caminho para exercer um papel de liderança nesse horizonte é ampliar a área plantada de grãos — obrigatoriamente sem avançar na Amazônia e provocar barreiras às exportações do agronegócio nacional, que, puxada pelas carnes, atingiram US\$ 60,5 bilhões no período de 12 meses encerrado em março passado, 17,6% mais que no ano móvel anterior.

“Preços altos pedem oferta, e para isso é preciso mais área e mais produtividade. E o Brasil talvez seja o único país do mundo capaz de ampliar significativamente a área sem agredir o meio ambiente. EUA, Europa Ocidental e Ásia, por exemplo, não têm essa possibilidade”, afirma. Estima-se em quase 100 milhões de hectares a área de pastagens localizadas no Brasil Central, basicamente cerrado, que poderiam ser ocupados com grãos em um futuro de criação de gado

concentrada em confinamentos. África e Leste Europeu, diz Mendonça de Barros, também poderão, com infra-estrutura e tecnologia, expandir fronteiras agrícolas.

Conforme Silveira, a produção brasileira de grãos poderá crescer para até 170 milhões de toneladas nos próximos dois anos — confirmado o volume, reitera, haverá maior equilíbrio entre oferta e demanda globais e os preços serão mais equilibrados. Na cana, impulsionada pelas vendas de etanol sobretudo no mercado doméstico, ele estima salto de até 30% nesse horizonte.

“Só que é preciso resolver problemas como a logística e o desajuste fiscal — que afeta câmbio e infra-estrutura — e investir nas lavouras. Na produtividade, há uma revolução silenciosa passando despercebida no Brasil”, afirma Mendonça de Barros. E realça que os transgênicos fazem parte dessa revolução. Desconfiado em relação ao uso dessa tecnologia, o diplomata e ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero também alerta para a queda da participação dos governos em pesquisas agrícolas

ao redor do mundo. Mas para tentar recuperar algum terreno perdido, o governo acaba de anunciar investimentos de R\$ 1 bilhão da Embrapa até o fim do atual mandato do presidente Lula.

Produtividade também é o nome do jogo na pecuária de corte, como aponta Cesário Ramalho da Silva, presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB). Com rebanho inferior a 180 milhões de cabeças de gado bovino, o Brasil produz cerca de 10 milhões de toneladas de carne. Os EUA produzem 12 milhões de toneladas com rebanho de 98 milhões de cabeças.

“Temos um período de aprendizado pela frente. O profissionalismo ainda é maior nas áreas de aves e suínos, que seguem o modelo de integração [entre frigoríficos e criadores]. Mas o Brasil vai liderar a produção de proteína animal no mundo”, aposta Silva. Com recentes aquisições na Argentina, Chile, Uruguai, EUA, Itália e Austrália, entre outros países, os frigoríficos nacionais, liderados pelo JBS-Friboi, já o maior do planeta, dominam mais da metade das exportações globais de carne bovina.

Alta generalizada

Evolução dos preços das commodities - cotação média trimestral



Fonte: Bloomberg e Valor Data. * Mercado futuro, segunda posição.